

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefs. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS		<i>Correio da Manhã</i>	-8, NOV. 1979
COMÉRCIO DO PORTO			

UMA FACA NAS COSTAS

por
Maria Lygia

Como um gnomo a quem tivessem pelado as barbas de fresco, aí está Figueiredo, deslavado e furioso, abanando a árvore da Comunicação Social.

Uma após outra as cabeças vão tombando, saraivada de cabeças-falantes, de cabeças-pensantes, que foram mandadas silenciar no habitual histerismo dos finais de Consulado... Todavia, rolhas, tampões, despedimentos, têm-se mostrado sempre funestos a quem os utiliza para abafar ou amordaçar. Daí nascem os mártires da opressão, as vítimas dos atentados à liberdade de pensamento. E, é fatal, quanto mais esganadas ou esgoeladas as incómodas criaturas, mais ruidosas e estridentes se tornam, mobilizando as atenções, despertando a indignação dentro e fora de portas.

Neste correr de Outono, ora dourado, ora nebuloso, Figueiredo ceifa a golpes de foice na seara da Comunicação Social, com uma pressa doida — está no fim do tempo, é a sua tarefa, a sua missão; uma espécie de «reforma agrária» das mentes agrestes, dos caules erectos, que não vergam sob o vento de Leste..

A desavergonhada desta Democracia que nós temos descamba em tratos de intriga e viela no «affaire» Sousa Tavares. Em todo aquele sujo negócio Daniel aparece, Daniel pressiona, Daniel ameaça — denunciam os jornais. Com efeito, dizendo-se mandatado, Daniel gira, Daniel actua como o vilão do enredo.

A verdade é que o famigerado Daniel — Daniel Amaral de sua graça — poderá figurar bíblicamente de profeta anuncia-

dor do tombo, do despedimento aos homens livres da Imprensa. Mas, já é muito duvidoso que Figueiredo, maneirinho e prestável, seja o Senhor Deus dos Exércitos que do Alto ordena as execuções...

E tudo isto se passa à beira de eleições, com descaro, com escândalo — a substituição dos desafectos, dos independentes, pelo còro afinado dos asseclas, da clientela fiel à voz do dono. É a pressão da faca nas costas do jornalismo, das empresas, amedrontando ou aliciando, jogando miseravelmente com o posto de trabalho, a subsistência da família.

O País assiste, dia-a-dia, aos atropelos na Informação, às mudanças nos órgãos estatizados, ao reinstalar da maioria de esquerda em lugares-chave da rádio, da TV, dos jornais. Tal como no teatro de revista, saem uns, entram outros, muda o cenário e, os novos comparsas, à boca-de-cena, estão a postos, de orelha fita, à espera do golpe da charanga...

Era esta, afinal, a espécie de remexidela na Comunicação que a Primeiro-Pintasilgo, risonhamente havia anunciado.

Ao contrário de Eanes, Pintasilgo cumpre — é o menos que se poderá dizer! Cumpre à sua maneira, precavida e previdente, à beira de eleições, eleições «à Brás», consoante o cardápio eleitoral, garantidas pelo homem forte do elenco, viajado em governos desde Vasco até Pintasilgo — a última descoberta de Eanes, copiada a traço grosso da Thatcher inglesa; imitação à portuguesa, à ribatejana, de colorido forte, com mais fatura

de cabelo, mais abundância de carnes e o aspecto saudável e vivaz da couve-troncha da borda-de-água.

Sob a papada bonachona, cordeal, está ali, em volume, em energia, em viril disposição, o porta-machado do regime de sentinela aos poderes entronizados, às gordas benesses da Revolução. E, de facto, prescrutando bem, parece vislumbrar-se, agachados, de cócoras atrás da amplidão das suas saias, políticos familiares, típicas nádegas conselheiras, um triste nariz pontudo que pende dia e noite sobre a Constituição...

Lisboa, entretanto, vai-se tornando cada vez mais o entreposto do terceiro mundo, por onde passam e repassam personalidades amarelas ou negras, da còr do chá ou da còr do café, com grande estrépito de tambores, clarins e ferraduras à porta de Belém, e poiso de luxo nos Paços de Queluz. Ultimamente, depois de Pinto da Costa e de Senghor, tivemos entre nós Arafat pregando a sua cruzada a favor do povo palestino.

Um fervor, um delírio terceiro-mundista, pró-árabe, talvez influenciado por Belém, pelos senhores conselheiros, pela Senhora Pintasilgo, propagado a Freitas Cruz um pouco forçadamente, cerca Arafat, atabafa Arafat, bombardeia-o com perguntas néscias, amáveis, xaroposas, admira-lhe o crâneo de abutre, enrodilhado à matroca no pano sarapintado — como se o astuto tigre do deserto em vez de haver descido do avião tivesse acabado de enxaguar a cabeça no barbeiro.

Há mesmo um despique, uma fricção entre as facções várias, ligas e partidos

que disputam Arafat; o Partido Comunista acode em força, mostra-o como coisa sua, Costa Gomes presente, aos rinchos comovidos; enquanto isso, meio-divertido meio-irónico, esgargalado, sem largar o pistão, o árabe deixa-se abraçar, deixa-se bajular, aguenta os discursos com a fatalidade islâmica e não perde de vista os seus interesses, fazendo a propaganda da pátria palestina.

A população em geral, essa, absorvida no drama diário da subsistência, das greves, do desemprego, das escolas em ruínas, da falta de habitação, não percebe bem o recente entusiasmo pró-árabe, as subtis estratégias diplomáticas. Na verdade, do Médio Oriente só conhece, à superfície, pelos jornais, pela imagem da TV, chacinas de inocentes, uma guerra sem fim... Talvez, se lhe dissessem que é o petróleo, o engodo do petróleo — que Arafat espertamente usa nestas suas andanças europeias para captar apoios — o móbil do entusiasmo, dos abraços, da devoção frenética pela causa palestina, compreendesse de imediato e aplaudisse. Quem desconhece hoje a importância do ouro negro na vida das nações, na prosperidade e no bem-estar dos povos?

E a nós, aqui, desprovidos de recursos, devendo a meio mundo, com os carros prestes a ficarem imobilizados no parque da sucata, que nos restará — fazendo uma figa a Israel — senão gritar também, todos, em uníssono, num berro de entusiasmo, babando-nos de admiração aos pés do filho do Profeta:

— Viva Arafat!